

15º Aniversário da

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

3 Out 2015

18:00 Sala Suggia

-

ANO ALEMANHA

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Sinfonia da Orquestra

1. *Allegro non troppo*
(1º andamento da Sinfonia n.º 4 de Johannes Brahms)
2. *Scherzo e Trio*
(2º andamento da Sinfonia n.º 1 de Gustav Mahler)
3. *Adagio assai*
(2º andamento da Sinfonia n.º 3 de Ludwig van Beethoven)
4. *Allegro non troppo*
(4º andamento da Sinfonia n.º 5 de Dmitri Chostakovitch)

Duração aproximada: 1 hora sem intervalo



casa da música



Vídeo 15º Aniversário da Orquestra
Sinfónica do Porto Casa da Música

<https://vimeo.com/140934044>

APOIO



FONDATION ADELMAN
POUR L'ÉDUCATION

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA



PATROCINADOR OFICIAL ANO ALEMANHA

Deutsche Bank



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Para celebrar o 15º aniversário da passagem da orquestra a formação sinfónica, os próprios músicos escolheram andamentos da sua preferência para constituir uma Nova Sinfonia. A escolha resulta numa compilação que reúne alguns dos andamentos mais conhecidos de todo o repertório, um *best of sinfónico* do Classicismo ao Século XX. Após um primeiro andamento em forma-sonata, onde escutaremos a mais conhecida das sinfonias de Brahms, o lugar do tradicional scherzo é ocupado por um ländler de Mahler, o segundo andamento da *Sinfonia Titã*. Segue-se a marcha fúnebre da *Heróica* de Beethoven, após a qual esta Nova Sinfonia da Orquestra encerra com o enérgico e imparável *finale* da 5ª Sinfonia de Chostakovitch.

Johannes Brahms (1833-1897) desenvolveu um estilo musical firmemente arreigado nos modelos e técnicas composicionais barrocos e clássicos, herança que aliou a idiomas folclóricos e de dança coevos, bem como a uma sensibilidade romântica própria, numa abordagem sempre diligente e perfeccionista ao processo criativo. Esse temperamento intensamente auto-crítico verificava-se em particular na sua relação com a música orquestral e de câmara, domínios em que durante muito tempo viveu intimidado pela sombra de Beethoven, o paradigma que ansiava emular. As suas pretensões sinfónicas parecem ter sido estimuladas (e inibidas) ainda mais em 1853, com o artigo encomiástico em que Schumann o apresentava como o real sucessor de Beethoven. De facto, vários anos passariam até que o compositor sentisse realmente confiança para abordar o género sinfónico.

A Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98, foi composta em 1884-85 numa localidade idílica nos arredores de Viena. Trata-se de

uma obra que representa o ponto máximo da sua produção neste género, sendo marcada pela sua reflexividade profunda, numa combinação entre o épico e o melancólico, bem como pela sua complexidade intelectual, numa concepção imensamente subtil ao nível do detalhe. A própria escolha da tonalidade é indicativa da sua natureza predominantemente trágica. Se até aí era comum as sinfonias em tonalidade menor terminarem em modo maior, narrando uma trajectória “da escuridão para a luz” (modelo estabelecido por Beethoven), aqui o andamento final vem confirmar o carácter trágico da obra, narrando antes uma progressão “do crepúsculo para a noite”, como se o compositor aceitasse a sua própria mortalidade — uma temática comum a outras das suas últimas obras. A estreia ocorreu em Meiningen em 1885, sob a direcção do autor, com um acolhimento entusiástico que contrastou com a recepção mais fria obtida em Viena alguns meses depois.

O 1º andamento, ***Allegro non troppo***, em forma-sonata, abre com um tema de carácter sereno que consiste num jogo de terceiras e sua inversão, um processo comum na abordagem do compositor à construção melódica, material a partir do qual desenvolve longas linhas melódicas de grande poder emotivo. Esse intervalo de terceira primordial não só determina toda a linguagem harmónica da sinfonia, como também gera todo o seu drama motivico. De facto, é a partir daí que o compositor concebe uma manipulação constante das ideias musicais, num processo de permanente transformação motivica e de complexa interacção entre fragmentos melódicos. O 2º tema surge em Si menor, primeiro nos violoncelos e depois nos violinos, com um

carácter varonil que contrasta com o lirismo do antecedente, invertendo-se assim a relação tradicional entre os temas principais na forma-sonata. Depois de uma secção de desenvolvimento que contém passagens altamente complexas e intrincadas a nível motivico, a recapitulação inicia-se surpreendentemente sobre a harmonia de Dó maior. A coda consiste numa derradeira afirmação majestosa do tema principal.

Considerado hoje um dos mais destacados compositores da sua geração, **Gustav Mahler** (1860-1911) representa um elo fundamental na transição entre a tradição austro-germânica do século XIX e o modernismo do início do século XX. No contexto da sua obra, destaca-se a atenção especial que conferiu ao género sinfonia, tendo desde o início procurado levar aos seus limites as concepções estabelecidas, estimulado particularmente pelos modelos de Wagner, Brahms e Bruckner. A primeira das três fases em que é usualmente dividido o seu percurso criativo, localizada entre c. 1880-1901, assistiu a uma produção notável no domínio da sinfonia e da canção com piano ou orquestra, designadamente com a composição das quatro primeiras sinfonias, bem como de vários ciclos e coleções de canções. A sua produção neste longo período foi marcada não só pela concepção programática (posteriormente rejeitada) a que a sua música sinfónica obedece, mas também pela íntima e complexa proximidade que se revela entre aquela e a esfera das canções.

É o caso da Sinfonia n.º 1 em Ré maior, *Titã*, que possui várias relações importantes com o seu primeiro ciclo de canções orquestrais, *Lieder eines fahrenden gesellen* (1884-85). Planeada originalmente como um poema sinfónico em cinco andamentos (primeiros

esboços em 1884), a obra conheceria várias revisões até tomar a sua forma definitiva em 1898, ano da sua publicação, renunciando ao título *Titã* (inspirado em Jean-Paul) e à descrição programática, bem como ao 2º andamento original, *Blumine*. Apesar de não terem sobrevivido provas de tentativas anteriores, especula-se que esta não tenha sido a sua primeira incursão no género, dada a maturidade da sua concepção, a mestria e o arrojo que revela a vários níveis. De facto, após as hesitações, o resultado final vinha também colocar um desafio à própria concepção da sinfonia enquanto género. O próprio Mahler dirigiu a sua estreia em Budapeste em 1889, perante uma reacção de indiferença e até de hostilidade por parte da audiência e da imprensa.

O 2º andamento é um breve **Scherzo e trio** inspirado no *Ländler*, uma dança tradicional austríaca em compasso ternário, opção que seria característica também das suas sinfonias subsequentes. Com as suas acentuações fortes, harmonias dissonantes e gestos musicais rústicos, incluindo ainda alguns ecos do canto tirolês, este andamento transporta-nos para o ambiente rural austríaco, evocando não só essa dança camponesa mas também outras sonoridades do quotidiano com grande realismo. O tema principal, que surge por todo o andamento, é introduzido pelas madeiras sobre uma figuração nos graves, consistindo no acorde de Lá maior afirmado sucessivamente até se tornar febril. O trio constitui um interlúdio de cariz sentimental, uma dança ternária mais lenta que remete agora para o café vienense, apresentando material lírico que fornece um acentuado contraste de carácter com o *Ländler* da primeira secção, o qual retorna por fim numa versão abreviada e com uma orquestração mais pesada.

A obra de **Ludwig van Beethoven** (1770-1827) tem sido consensualmente dividida em três grandes períodos criativos, cujas transições correspondem também a pontos de viragem na sua biografia. É por volta de 1803 que se observa uma mudança fundamental na sua concepção estilística, para aquele que é comumente tido como o seu período médio, ou “heróico” (embora nessa designação não se possam enquadrar várias obras). Esta fase prolongar-se-ia até cerca de 1812, tendo sido marcada por um novo ímpeto criativo revelador da sua recuperação da prostração causada pelo surgimento da sua surdez progressiva. O próprio compositor se revelou insatisfeito com o que havia produzido até aí, manifestando a sua vontade de seguir um novo caminho. Trata-se assim de um período marcado pelo aprofundamento da linguagem musical que havia herdado de Haydn e Mozart, bem como pela composição de várias obras em grande escala, incluindo a maior parte da sua música orquestral.

É sabido que Beethoven desde há muito se identificava com os ideais democráticos e as aspirações jacobinas da França pós-revolucionária, encontrando-se entre aqueles que depositavam em Napoleão Bonaparte a esperança de uma iluminação social da Humanidade, encarando-o assim como uma espécie de Prometeu moderno. Os seus cadernos de esboços revelam que pelo menos já desde 1797 cogitava na possibilidade de homenagear por música a figura do ainda General. Os primeiros esboços mais específicos daquilo que seria a Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, op. 55, remontam ainda a 1802, mas a maior parte da música foi composta apenas no Verão de 1803, tendo a obra sido concluída já no início de 1804. De acordo com o testemunho de um discípulo, terá sido

o episódio da auto-proclamação de Napoleão como imperador que levou o compositor a cancelar a dedicatória da sinfonia, acabando por publicá-la em 1806 com o título *Eroica*. Trata-se de uma obra que constituiu de facto um marco na história da música — pelas suas dimensões, complexidade e âmbito emocional —, tendo aberto as portas à produção sinfónica que iria marcar o século XIX.

O **Adagio assai** é uma marcha fúnebre em Dó menor, uma das criações beethovenianas que mais influência exerceria em compositores posteriores (como Berlioz, Wagner e Mahler). Nela predomina um ambiente solene, expressivo e por vezes até terrífico, como que evocando os sofrimentos do herói por meio de uma lenta marcha militar que certamente terá soado familiar aos ouvintes da época e que patenteia afinidades com marchas fúnebres de compositores franceses do período revolucionário. O andamento abre com um tema sombrio nos violinos, em seguida tomado pelo oboé. A atmosfera desanuvia-se por momentos com um interlúdio em Dó maior, primeiro lírico e depois triunfante. Mas a reflexão trágica regressa, conduzindo desta feita a uma perturbadora fuga dupla, cuja elaboração do material temático contribui para a produção de efeitos emocionais poderosos. No final, apenas restam fragmentos dolorosos do tema principal.

Dmitri Chostakovitch (1906-1975) destacou-se como provavelmente o principal sinfonista da história da música de meados do século XX. Com efeito, no catálogo da sua obra avultam as 15 sinfonias que compôs e que constituem um testemunho revelador do seu percurso estilístico. A linguagem musical que desenvolveu conciliava

diversas influências e caracterizava-se pelo seu intenso poder emocional, narrando frequentemente a sociedade e o tempo em que viveu — o complexo contexto político-social da antiga União Soviética —, muitas vezes comportando até mensagens políticas encriptadas.

Em 1936, no contexto da grande campanha de repressão política levada a cabo pelo regime (a Grande Purga), Chostakovitch começou a ser visado pelo *Pravda*, o jornal oficial do Partido Comunista, que reprovava a linguagem vanguardista da sua ópera *Lady Macbeth*. Com isso pretendia convocá-lo a abandonar esse vanguardismo e a aderir à orientação estética que o regime pretendia implementar, o chamado realismo socialista. O compositor era assim pressionado a abdicar da complexidade técnica e a simplificar o seu estilo, adaptando-o a um “classicismo heróico”, a uma abordagem monumental e a uma retórica exaltada e otimista.

A sua resposta subtil surgiu com a Sinfonia n.º 5 em Ré menor, op. 47, composta entre Abril e Julho de 1937 e estreada em Leninegrado em Novembro desse ano, tendo obtido um sucesso estrondoso e recuperado a sua aceitação entre a crítica e as autoridades oficiais. Trata-se de uma obra que patenteia uma organização clara, uma linguagem harmónica menos áspera e mais tonal do que antes, e material temático mais acessível, não deixando por isso de evidenciar a marca pessoal do compositor. É no entanto extremamente ambígua no seu significado, uma vez que a paródia e o protesto encoberto parecem permear todas as suas páginas.

O 4º andamento, ***Allegro non troppo***, inicia-se de forma abrupta num ambiente marcial que parece evocar uma postura enfatuada. O episódio mais tranquilo e lírico que se segue constitui como que uma lembrança daqueles entretanto desaparecidos, o que é sugerido pela citação de momentos da *Symphonie fantastique* de Berlioz e de *Till Eulenspiegel* de Strauss, que contêm eloquentes descrições musicais de execuções públicas. Um breve solo de caixa e tímpanos introduz uma irónica marcha lenta que a certa altura evoca o momento em que, na ópera *Boris Godunov* de Mussorgski, a multidão é forçada a louvar o czar. O *finale* grandioso, uma brilhante paródia de um hino triunfante, concebido para soar deliberadamente ridículo, com a sua estridente insistência nos agudos e no modo menor, vem revelar que esta obra afinal constitui apenas um tributo aparente. É que, no auge da celebração, o compositor cita uma canção que havia composto aquando do episódio de 1936 (“Renascimento”, op. 46, n.º 1), sobre um texto de Pushkin que descreve o momento em que uma obra-prima pintada por um génio, depois da tentativa de obliteração de um bárbaro cruel, acaba por revelar-se em toda a sua glória.

LÚIS MIGUEL SANTOS, 2015

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é um maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à criação musical e uma afinidade particular pelas partituras contemporâneas mais complexas. Divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. Em 2015 tornou-se Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, no seguimento de uma relação de longo prazo com a orquestra, durante a qual trabalhou com artistas e compositores como Luca Francesconi, Jonathan Harvey e Håkan Hardenberger. Em 2016 assume a posição de Maestro Principal da Basel Sinfonietta.

Durante muitos anos, foi o maestro escolhido para projectos importantes com compositores como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin e Adès, e com orquestras como a Filarmónica de Oslo, Filarmónica Real de Estocolmo, Britten Sinfonia, Philharmonia Orchestra, Sinfónica da BBC, Filarmónica de Copenhaga e Filarmónica de Seul. A música contemporânea continua a ter um papel crucial na sua carreira, mas é procurado de igual forma para dirigir em todo o mundo um repertório vasto e ecléctico, tendo sido convidado recentemente para dirigir as Filarmónicas de Helsínquia, Bergen e Bruxelas e Orquestra Nacional de Bordéus.

Os momentos altos da temporada de 2015/16 incluem o concerto de abertura do Festival Internacional de Bergen 2016, onde dirige um espectáculo multimédia de *Erwartung* e *Verklärte Nacht* de Schoenberg. Dirige ainda uma produção do *Winterreise*

de Zender com a Sinfonia de Britten e Ian Bostridge no Barbican Centre, ambos com a direcção de Netia Jones. Estreia-se com a Sinfónica da Rádio de Estugarda com *Gruppen* de Stockhausen e Sinfónica de Düsseldorf no Schönes Wochenende Festival. Regressa como maestro convidado à Orquestra Filarmónica de Estrasburgo, Klangforum Wien e ao Ensemble intercontemporain que dirige na Philharmonie de Paris. No domínio da ópera, regressa ao Teatro Colón para dirigir *Die Soldaten* de Zimmermann, e apresenta-se pela primeira vez na Ópera Norueguesa com a estreia mundial de *Elysium* de Rolf Wallin.

É Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20, até ao final de 2015. Entre os últimos projectos com este ensemble inclui-se a estreia mundial da ópera *UR* de Anna Thorvaldsdottir e a edição de um disco de Ligeti para a BIS. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

A Orquestra tem vindo a incrementar as atuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e

no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas ações educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
José Pereira*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
Andras Burai
José Despujols
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Vitor Teixeira
Pedro Rocha
Germano Santos
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Paul Almond
José Sentieiro

Viola

Javier López*
Anna Gonera
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Jean Loup Lecomte
Mateusz Stasto
Biliana Chamlieva
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Hazel Veitch
Francisco Moreira

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Gisela Neves
Sharon Kinder
Hrant Yeranosyan
Bruno Cardoso
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Jean Marc Faucher
Joel Azevedo
Nadia Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Eldevina Materula
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
António Rosa
Gergely Suto

Saxofone

Fernando Ramos*
Romeu Costa*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Pedro Fernandes*
Hugo Sousa*
Bruno Rafael*

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Pedro Góis*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Françoise de Maubus*

Piano/ Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mas PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
OPALUSTROTECORNIOFACIL

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

